

O Recorde a Serviço da Patria

CAP. DANILO DA CUNHA NUNES

Inst. da E. E. F. E.

A expressão recorde, significando "o melhor resultado" de uma determinada realização esportiva, popularizou-se de tal modo que é hoje comumente empregada, assinando como marcos, as grandes conquistas em todos os ramos da atividade humana.

O recorde é o elemento ponderável, criação do nosso século, consequência do dinamismo da nossa época que, na simplicidade da linguagem numérica, demarca as etapas maravilhosas do seu vertiginoso progresso. Iremos entretanto encarar o problema "recorde", debaixo exclusivamente do ponto de vista esportivo e atlético que nos interessa de modo mais particular.

Muito embora, extraordinário houvesse sido o grau de desenvolvimento da Cultura Física na Antiga Grécia, culminando com a realização das mais famosas competições da Antiguidade — os Jogos Olímpicos — não temos até hoje notícia da materialização dos resultados obtidos, com o estabelecimento de recordes. E' bem verdade que sob uma forma romanesca, chegam até nós, écos de fantásticas performances que teriam alcançado os antigos atletas helênicos.

Assim, houve um Ladás de Lacedemonia, tão veloz, que, quando corria, não deixava marcas na areia e teve a sua estatua esculpida por Mirone; Lasthenes, que no percurso de Queroneia a Thebas conseguiu vencer um cavalo, e ainda Polynestor que alcançava uma lebre em plena corrida. Entre os corredores de fundo, citava-se Philonides, arauto de Alexandre o Grande, que gastou 9 horas para ir de Cicione a Heles, percorrendo, em plena corrida, 230 quilômetros.

Em uma lareira n'um dos bosques de Olímpia existia uma enorme pedra de mais de 300 k que tinha gravada a seguinte inscrição: eu sou a pedra que o atleta Bibom levantou com uma só mão e arremessou por cima da cabeça.

Entre as imagens de atletas e heróis como Diagoras de Rhódes, Exeneta de Pegriente, Glaucos e Theognis que foi vencedor 1 200 vezes, estava a efigie de Milon de Crotona, que percorreu o estádio com um boi sobre as espáduas e transportou sua própria estatua ao local em que foi erigida.

Entretanto sabemos, essas fabulosas performances chegaram aos nossos dias, através da linguagem pitoresca e colorida dos poetas e prosadores daquela época, e não representam em última análise, senão a admiração despertada em suas imaginações exaltadas, pelas admiráveis façanhas daqueles antigos atletas.

Allás, nem mesmo nos dias de hoje, é necessário ser poeta para, ao assistir um salto de 8 metros de Jesse Owens, campeão olímpico e recordista mundial, ter-se a impressão que na realidade ele "voa", e assim descrever a sua sensacional proeza.

Houve porem uma performance de 17 m. para o salto em distância, atribuída a Phaylos de Crotona que merece uma explicação particular. Para alcançar a distância de 17 m. ou o atleta saltava de um trampolim inclinado, ou, como bem o disse Pierre de Coubertin, tratava-se de uma espécie de salto triplo.

Não é somente ao ardor imaginativo dos escritores antigos que atribuímos as fabulosas realizações dos atletas helênicos. Como causa subsidiária, reforçando o conceito maravilhoso que os poetas nos transmiti-

ram dos feitos esportivos e heróicos dos antigos habitantes da Helade, há o inegável prestígio do passado, cujos vultos se agigantam difusamente aos nossos olhos entre as névoas da lenda e da fábula.

Hoje porem, a expressão numérica do recorde, simples, singela, afastando divagações, vai destruindo pouco a pouco, essa aureola romanesca, misto de saudade e fantasia.

Concluimos pois que os Gregos não foram entes sobrenaturais. Na sua ânsia de perfeição, amando as letras e as artes em geral, convencidos que a integridade do

não vencidos, abandonam a prova, certos de que "não dão para a coisa".

Será o caso de um atleta que, iniciando o treinamento para salto em altura e estacionando após curto periodo de treino em uma performance mediocre ("1m,40 por exemplo"), desanima diante da "enormidade" que é o recorde mundial de 2,07 m desta prova. E' fora de dúvida que o "fantasma" do recorde o afugentou, eliminando-o de uma prova em que seu resultado poderia ainda ser melhorado com mais perseverança e vontade.

Foi porem do recorde a culpa de haver



seu solo, repousava no seu valor atlético e guerreiro, cercado de legendas heróicas, foram na realidade, no periodo aureo de sua história, um povo física e moralmente excepcional. Vejamos agora os argumentos que se enfileiraram pró e contra o "recorde", afim de que, após analisá-los particularmente, possamos tomar a nossa posição de forma definitiva.

Uma das opiniões mais comuns contra o "recorde", é aquela que o apresenta como um fantasma, afugentando os iniciantes de uma determinada prova atlética, uma vez que se sentem esmagados por aquele resultado superior, e de ante-

o atletismo perdido, dessa forma, um de seus praticante? Não, respondemos nós.

A culpa foi do temperamento fraco e indeciso desse individuo que pertence, por certo, à categoria daqueles que sempre veem sombras negras em torno de si e andam à procura de um pretexto para desistirem de todas as suas iniciativas.

O recorde, em nossa opinião, só seria espantoso para os vencidos que tem sempre no 1.º obstáculo em sua frente, o marco de sua derrota definitiva.

Foderíamos talvez ir ao outro extremo afirmando que, longe de ser um entrave, o

recorde é a meta vitoriosa que faz milhões de jovens em todo o mundo, se dedicarem ao atletismo e aos esportes em geral, seduzidos pela glória magnífica e longínqua de atleta olímpico vencedor. Desta forma, são originadas milhares de performances regionais, centenas de resultados parciais de países, dezenas de marcas continentais e finalmente o Recorde Mundial temporariamente absoluto.

Para que surgisse o Recorde Mundial, milhões de jovens se entregaram com afinco ao seu treinamento físico e atlético, e a perspectiva da quebra de um recorde mantém sempre em constante treino a juventude do mundo.

Entretanto, ao que parece, esses milhares de jovens que conseguiram performances regionais, e ainda as centenas de atletas que estabelecem marcas para seus países e mais fortemente, as dezenas de atletas recordistas continentais, se desviaram dos verdadeiros objetivos da Educação Física, especializando-se em determinado ramo esportivo, em prejuízo do seu aperfeiçoamento total.

Estavam em caminho absolutamente errado na sua louca corrida para o recorde pois como disse Tissie: "O recorde é um princípio de morte para a máquina humana, que ele danifica quando não destrói. É um princípio de vida para a máquina industrial, que transforma e cuja eficiência, aumenta. Compreende-se que uma locomotiva, um tear, um martelo-pilão batam recordes de velocidade, rendimento ou de força, pois isto responde a um objetivo econômico, a uma necessidade social e serve para o desenvolvimento da raça. O mesmo não se dá com a máquina humana. Ela se gasta quando persegue recordes, que fogem sempre, sem qualquer proveito para a saúde geral e ainda menos para os geradores da raça por eles fatigados."

Dentro dessa ordem de idéias, o recordista é um fenômeno, um absurdo, um ser anormal que se especializou no mais alto grau, na sua perseguição ao recorde.

Sem pretender derrubar a abaladíssima opinião de Tissie, observamos apenas que os conceitos acima revelados, poderão ser aplicados ao recordista absoluto, onde houve uma especialização exagerada.

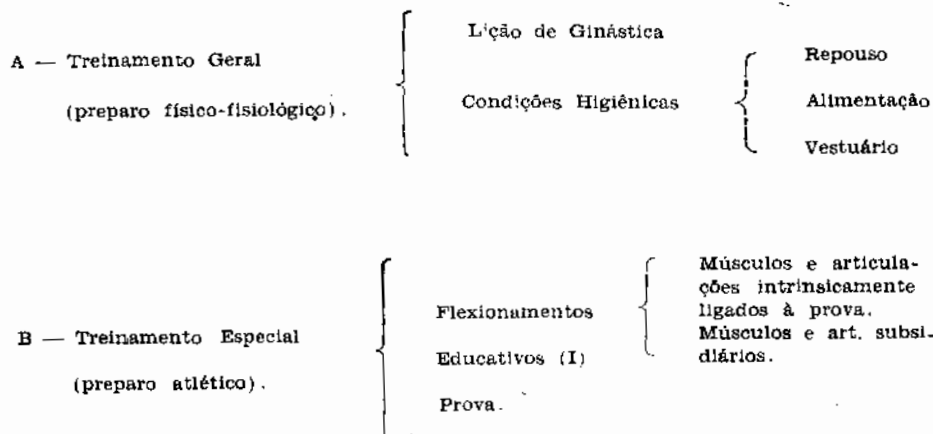
Entretanto, mesmo neste caso, convem ressaltar que a primeira condição para um indivíduo quebrar um recorde, deverá ser a de estar em ótimas condições de saúde.

Esta condição "sine qua non" de saúde, presuppõe para o atleta um regime higiênico especial, no qual a lição de educação física, o repouso e a alimentação são preocupações de primeiro plano.

Ainda convem frizar que mesmo dentro do treinamento especializado o atleta executará exercícios sobre articulações e si-

nergias musculares, que não são diretamente solicitadas no esforço da prova, mas que são necessárias subsidiariamente. Assim sendo, aquele ser "anormal", que

focalizamos e, que se destina a bater um recorde excepcional tendo já atingido a sua melhor forma atlética, será obrigado a executar:



Dessa forma, na pior hipótese, em cada prova há um indivíduo fortemente prejudicado — O Recordista Mundial, — e, no máximo, uma centena de outros atletas anda um pouco atingidos pelo "mal" de sua especialização, na sua luta contra o recorde. Em compensação foi essa glória efêmera do título de recordista, que atraiu em todo o mundo, milhões de jovens às práticas esportivas e atléticas.

E assim para não discutirmos a respeitável opinião de Tissé diríamos que o recorde talvez seja prejudicial para o indivíduo, mas acrescentaríamos teimosamente, é ingavelmente um benefício para a coletividade.

Entretanto, se analisarmos o valor intrínseco do recorde, concluiremos pela fragilidade de sua consistência: Será impossível, para atletas que disputam a mesma prova em locais diferentes, o estabelecimento das mesmas condições gerais, que garantam a homogeneidade das performances (recordes) assim estabelecidas. A diferença de um décimo de segundo numa prova de 100 metros rasos obtida por um atleta sobre outra performance estabelecida em outro local, pode não representar

superioridade e ser exclusivamente devida a condições de ordem externa, como temperatura, humidade, constituição de pista, fatores de ordem psicológica, etc.. E' bem verdade que procuramos reduzir o valor dessas condições externas, prevenindo a inclinação das pistas, especificações bem definidas para os aparelhos, estabelecendo o limite máximo da velocidade do vento, com o qual se possa homologar recordes, etc., porém é fora de dúvida que o erro prevalece.

Cumpra ainda assinalar, que não obstante, no ciclo moderno das competições olímpicas, ser efêmera a duração do Recorde Mundial, já em algumas provas como a corrida de 100 metros, o salto com vara, etc., as marcas estabelecidas serão dificilmente superadas, o que evidencia claramente que marchamos para o Recorde Absoluto que assinalará em cada ramo esportivo o limite das faculdades físicas, fisiológicas e morais do Atleta Máximo.

No tratado de Educação Física publicado em novembro de 1937, sob a direção de Von Tschaner und Osten, chefe dos Esportes do Reich, encontra-se na primeira página:

"Todo o cidadão alemão tem para com sua Pátria o dever sagrado de tirar de seu corpo todos os recursos de saúde e de realização que podem ser obtidos pelos exercícios corporais bem adaptados".

E a primeira frase do tratado é: "O Estado Nacional Socialista, proclama em todas as atividades, a performance". Por isso, toma posição definitivamente a favor do Recorde Esportivo. E talvez que esse "dever sagrado" de empregar todas as energias ao Serviço do Estado, simbolizado pela

procura do recorde entre todos os ramos da atividade humana, fosse a formidável alavanca que impeliu a Alemanha no seu vertiginoso reergulimento desde a derrocada de 1918.

Agora, chegados ao momento de nos definirmos, afirmamo-nos, não pelo "Recorde Absoluto" que traz em si a essência da especialização definitiva, e sim, pelo "melhor resultado" em cada ramo esportivo — simultaneamente conduzido — o que traduz de forma ineludível o nosso desejo de equilíbrio e de aperfeiçoamento.

Não deverá ser, nas atuais circunstâncias, a glória vã e pueril de ostentar um novo título atlético, que nos levará a dedicarmo-nos, quase inconscientemente ao nosso treinamento físico. Não será também, o anseio de perfeição, o ideal de eugenia e estética, que nos impulsionará no aperfeiçoamento esportivo e atlético.

Será a necessidade vital, de ofertarmos à Nossa Pátria, neste momento de extremo perigo, todas as nossas qualidades físicas, morais e intelectuais, estimuladas ao máximo pela nossa vontade, afim de enfrentarmos concientes, a pesada ameaça que paira sobre nós